

## Congresso Mundial de Bioética na China: comentários e reflexões

World Congress of Bioethics in China: remarks and reflections

Congreso Mundial de Bioetica en China: comentarios y reflexiones

Leo Pessini\*

Pequim, 6-9 de agosto de 2006

De 6 a 9 de agosto de 2006, realizou-se em Pequim, na China, o 8º Congresso Mundial de Bioética, que abordou o tema: *Bioética: em busca de uma sociedade justa e saudável*. Em paralelo a este evento realizou-se o 6º Congresso Internacional de abordagens feministas de bioética (de 4 a 6 de agosto de 2006), que discutiu a questão: *gênero, justiça e direitos das mulheres na área da saúde*. Com aproximadamente 500 participantes, majoritariamente provenientes dos países asiáticos, uma programação intensa foi desenvolvida.

Este evento bi-anual é de responsabilidade da Associação Internacional de Bioética com a organização local, no caso, Sociedade Chinesa de Ética Médica e Associação Médica Chinesa. Recordamos o percurso histórico destes eventos: 1º Amsterdam (Holanda); 2º Buenos Aires (Argentina); 3º São Francisco (EUA): Bioética num mundo interdependente; 4º Tóquio (Japão): Bioética Global: norte-sul, leste-oeste; 5º Londres (Inglaterra): Bioética e políticas públicas; 6º Brasília (Brasil): Bioética, poder e injustiça; 7º Sidney (Austrália): Ouvir profundamente: Construindo pontes entre ética local e global; 8º Pequim (China): Bioética: uma sociedade justa e saudável.

Dos oito congressos até hoje realizados, tivemos o privilégio de participar de sete. Numa ocasião particular, estivemos diretamente envol-

vidos na organização e planejamento do VI Congresso Mundial de Bioética, realizado em Brasília em 2002 que cravou na agenda da bioética mundial as questões bioéticas suscitadas a partir da exclusão e periferia do mundo. Só não participamos do primeiro, realizado em Amsterdam, Holanda, em 1992.

Em termos de futuro, o próximo Congresso Mundial, está programado para 2008. Será na Croácia (parte da ex-Iugoslávia), Europa Oriental, na cidade portuária de Rijeka/Opatia, a 120 km da capital Zagreb, e tem como tema central: *O desafio da bioética trans-cultural no século XXI*. Antes de comentarmos o Congresso de Pequim, apresentamos alguns dados que nos permitem um conhecimento maior sobre a China contemporânea, comparando com Índia e Brasil.

### A China: um continente em si mesma pela grandeza

A China está na ordem do dia na mídia pelo seu sucesso econômico. Atrai hoje milhões de turistas de todas as partes do globo. Possui uma cultura milenar, a grandiosa e espetacular muralha, construção de maior extensão do mundo com seus 6700 km circulando na crista de cadeias de montanhas. Seu trecho inicial data do 3º. séc. a.C., construído pelo imperador Qin Shi Huangdi. Inúmeros e majestosos templos dedicados aos seus deuses

espalham-se por Pequim, como o Templo do Céu, considerado uma das maravilhas da arquitetura humana, bem como palácios imperiais na cidade proibida, que vão longe no tempo, desde a dinastia dos Imperadores Huan e Ming. Imprescindível registrar a famosa praça da Paz Celestial, local onde, em 1989, um jovem desafia uma fila de tanques que reprimem o movimento juvenil em protesto, imagem esta que correu o mundo.

O mandarim, a língua oficial da China, é utilizado por 94% da população, mas existem mais 80 dialetos em uso no país. A China passa hoje por um crescimento econômico fantástico. Os jornais alardeiam que é o maior em dez anos. Segundo relatório do Banco Mundial, foi de 11,3% no segundo trimestre do ano, o maior desde 1996. Isso significa uma expansão de quase 10,9% no primeiro semestre em relação ao mesmo período em 2005, quando cresceu 9,9%. Entre 1980 e 2005, sua participação na economia mundial passou de 3,45% para 15,41%. Ela já é a terceira Potência comercial do globo, atrás apenas dos Estados Unidos e da Alemanha. Ela se tornou em 2004 o maior exportador mundial de bens de tecnologia da informação.

Não obstante todo este entusiasmo com o crescimento, o economista indiano Pranab Bardhan é cauteloso ao afirmar que é importante não exagerar nas conquistas de

\* Teólogo. Doutor em Teologia Moral — Bioética. Superintendente da União Social Camiliana. Vice-reitor do Centro Universitário São Camilo. Editor-chefe.

## Congresso Mundial de Bioética na China: comentários e reflexões

World Congress of Bioethics in China: remarks and reflections

Congreso Mundial de Bioética en China: comentarios y reflexiones

Leo Pessini\*

Pequim, 6-9 de agosto de 2006

De 6 a 9 de agosto de 2006, realizou-se em Pequim, na China, o 8º Congresso Mundial de Bioética, que abordou o tema: *Bioética: em busca de uma sociedade justa e saudável*. Em paralelo a este evento realizou-se o 6º Congresso Internacional de abordagens feministas de bioética (de 4 a 6 de agosto de 2006), que discutiu a questão: *gênero, justiça e direitos das mulheres na área da saúde*. Com aproximadamente 500 participantes, majoritariamente provenientes dos países asiáticos, uma programação intensa foi desenvolvida.

Este evento bi-anual é de responsabilidade da Associação Internacional de Bioética com a organização local, no caso, Sociedade Chinesa de Ética Médica e Associação Médica Chinesa. Recordamos o percurso histórico destes eventos: 1º Amsterdam (Holanda); 2º Buenos Aires (Argentina); 3º São Francisco (EUA): Bioética num mundo interdependente; 4º Tóquio (Japão): Bioética Global: norte-sul, leste-oeste; 5º Londres (Inglaterra): Bioética e políticas públicas; 6º Brasília (Brasil): Bioética, poder e injustiça; 7º Sidney (Austrália): Ouvir profundamente: Construindo pontes entre ética local e global; 8º Pequim (China): Bioética: uma sociedade justa e saudável.

Dos oito congressos até hoje realizados, tivemos o privilégio de participar de sete. Numa ocasião particular, estivemos diretamente envol-

vidos na organização e planejamento do VI Congresso Mundial de Bioética, realizado em Brasília em 2002 que cravou na agenda da bioética mundial as questões bioéticas suscitadas a partir da exclusão e periferia do mundo. Só não participamos do primeiro, realizado em Amsterdam, Holanda, em 1992.

Em termos de futuro, o próximo Congresso Mundial, está programado para 2008. Será na Croácia (parte da ex-Iugoslávia), Europa Oriental, na cidade portuária de Rijeka/Opatia, a 120 km da capital Zagreb, e tem como tema central: *O desafio da bioética trans-cultural no século XXI*. Antes de comentarmos o Congresso de Pequim, apresentamos alguns dados que nos permitem um conhecimento maior sobre a China contemporânea, comparando com Índia e Brasil.

### A China: um continente em si mesma pela grandeza

A China está na ordem do dia na mídia pelo seu sucesso econômico. Atrai hoje milhões de turistas de todas as partes do globo. Possui uma cultura milenar, a grandiosa e espetacular muralha, construção de maior extensão do mundo com seus 6700 km circulando na crista de cadeias de montanhas. Seu trecho inicial data do 3º.séc. a.C., construído pelo imperador Qin Shi Huangdi. Inúmeros e majestosos templos dedicados aos seus deuses

espalham-se por Pequim, como o Templo do Céu, considerado uma das maravilhas da arquitetura humana, bem como palácios imperiais na cidade proibida, que vão longe no tempo, desde a dinastia dos Imperadores Huan e Ming. Imprescindível registrar a famosa praça da Paz Celestial, local onde, em 1989, um jovem desafia uma fila de tanques que reprimem o movimento juvenil em protesto, imagem esta que correu o mundo.

O mandarim, a língua oficial da China, é utilizado por 94% da população, mas existem mais 80 dialetos em uso no país. A China passa hoje por um crescimento econômico fantástico. Os jornais alardeiam que é o maior em dez anos. Segundo relatório do Banco Mundial, foi de 11,3% no segundo trimestre do ano, o maior desde 1996. Isso significa uma expansão de quase 10,9% no primeiro semestre em relação ao mesmo período em 2005, quando cresceu 9,9%. Entre 1980 e 2005, sua participação na economia mundial passou de 3,45% para 15,41%. Ela já é a terceira Potência comercial do globo, atrás apenas dos Estados Unidos e da Alemanha. Ela se tornou em 2004 o maior exportador mundial de bens de tecnologia da informação.

Não obstante todo este entusiasmo com o crescimento, o economista indiano Pranab Bardhan é cauteloso ao afirmar que é importante não exagerar nas conquistas de

\* Teólogo. Doutor em Teologia Moral — Bioética. Superintendente da União Social Camiliana. Vice-reitor do Centro Universitário São Camilo. Editor-chefe.

China e Índia; segundo ele, "há muitos obstáculos e armadilhas que eles terão que enfrentar no futuro próximo, antes que se tornem atores significativos no cenário internacional de uma maneira sustentável. China e Índia ainda são países paupérrimos. De seus 2,3 bilhões de habitantes, quase 1,5 bilhão vive com menos de US\$ 2 diários. Na China, menos de 20% da força de trabalho está em manufaturas, mineração e construção somadas. Quase metade dela está na agricultura. Na Índia, são 60%" (China, Índia e Brasil. Folha de São Paulo 30 jul 2006: 12 [caderno especial]).

Pequim prepara-se orgulhosamente para sediar a primeira Olimpíada a ser realizada na Ásia, em 2008. Esta mega cidade, neste momento se transformou num verdadeiro canteiro de obras, com centenas de guindastes de construção civil espalhados por toda a área urbana. Novas ruas e avenidas sendo abertas; ontem cheias de bicicletas, hoje congestionadas de carros. Novas linhas de metrô sendo construídas, do aeroporto ao centro da cidade, vila olímpica adquirindo forma de uma cidade dentro da cidade, sendo construída a todo vapor, e gigantescos complexos de apartamentos surgem por toda parte. Tem-se a impressão de uma verdadeira explosão urbana.

Um grande desafio enfrenta a China ao lado de tantos outros: a questão populacional. Com 1,3 bilhão de habitantes, ou seja, 1 em cada 5 habitantes da Terra é chinês. Sessenta por cento da sua população (760 milhões) ainda vive em áreas rurais, apesar de somente 11% do território chinês se prestar à agricultura. A China é o campeão mundial da produção de arroz, com 35% da produção mundial. Cerca de quarenta por cento da população vive nas cidades, sendo que neste momento ocorre uma forte migração do campo para as cidades, tornando ainda mais precárias as con-

dições de vida urbana. As cidades mais populosas são: Xangai, 14 milhões; Tianjin, 12 milhões; Pequim, 10 milhões; Shenzhen, 8 milhões e Chongyang, 7 milhões. Somando-se à Índia com 1,1 bilhão de habitantes, temos que, dos 6,5 bilhões de habitantes da Terra, 2 são chineses ou indianos. China e Índia juntas, têm 40% dos habitantes da Terra. A China pretende urbanizar mais de 300 milhões de pessoas nos próximos 20 anos. As pressões de consumo devem exacerbar-se, já que em termos globais 65% da população mundial está na Ásia, sendo que 14% na África, 11% na Europa, 9% na América Latina, 5% na América do Norte menos de 1% na Oceania.

Dados de 2002 apontam que população urbana com acesso a saneamento básico é de 83% no Brasil, 69% na China e 58% na Índia. A expectativa de vida ao nascer em número de anos: Brasil, 66 para homens (H) e 73 para mulheres (M); China, 70 homens e 73 para mulheres; enquanto que a Índia apresenta 60 para os homens e 63 para as mulheres. Mortalidade infantil (por 1.000 nascidos): Brasil, 39 homens, 32 mulheres; China, 32 homens e 43 mulheres; e Índia, 85 homens e 90 mulheres. A população com 60 anos ou mais, em percentagem: Brasil 8,2%, China 10,5% e Índia 7,8%.

Aliás, o controle da natalidade é levado avante com mão de ferro pelo governo, na aplicação da política "one child policy" (1979), ou seja, somente uma criança por casal. A guia que nos explicava a realidade cultural e social chinesa, enquanto visitávamos locais interessantes de Pequim, ao entrar nessa questão, definiu-a como sendo fruto desta política, "a geração dos que se sentem sozinhos, pois não têm irmãos ou irmãs". Se surgir o segundo filho(a), o casal praticamente é obrigado a abortar, além de pagar uma pesada multa; perde o emprego e, além

disso passa a ser estigmatizado. Nesse contexto, o aborto acaba sendo um método normal de controle de natalidade. A preferência por nascituro masculino é apontada como sendo uma das causas para que se criasse um desequilíbrio gigantesco, em números na relação homens e mulheres. Faltam aproximadamente 40 milhões de mulheres na China. Faltam meninas porque são abortadas por médicos a pedido de seus pais, que têm preferência por meninos, ou morreram por negligência como recém-nascidos ou bebês. Num contexto cultural sexista, a mulher grávida é obrigada a ir ao hospital para identificação de sexo e caso o feto seja identificado como feminino, a mulher é fortemente pressionada para abortar. Um livro lançado recentemente em inglês, comentado no congresso, retrata toda essa problemática: *Behind the silence: chinese voices on abortion* -Atrás do silêncio: vozes chinesas sobre o aborto-(Nie Jing Bao, 2005).

Para tentar evitar que este desequilíbrio aumente o aborto de fetos femininos, a política atual do governo proíbe a realização de ultrassom por motivos não médicos, com o objetivo de revelar o sexo do nascituro. Se isto ocorrer, o profissional médico corre o risco de ter sua licença de exercício profissional cassada. Esta situação populacional chinesa, de desequilíbrio entre o número de nascimentos de homens e mulheres, foi discutida no Congresso, num simpósio especial, patrocinado pela Função Ford (EUA). A questão vem preocupando o Presidente chinês Hu Jintao e se estuda um plano de ação para corrigir esta distorção populacional.

Bem diferente é a situação de muitos países europeus que, vendo o perigoso declínio populacional, estão implementando políticas de natalidade. A França, por exemplo, está pagando bônus de 750 euros durante um ano para

cada casal que tiver um terceiro filho. Uma situação complicada é a da Rússia, onde a população de 148 milhões em 1991 caiu para 142,7 em 2006, o que levou o Presidente Russo a criar um abono de US\$ 55 por filho, para incentivar os casais a procriarem.

No Brasil, segundo o IBGE, a taxa de fecundidade é de 2,1 filhos por mulher, próxima da reposição. A previsão é de que cheguemos a 2050 com 247,2 milhões. A queda do número de filhos por mulher impressiona: de 6,16 na década de 60 para 4,35 na de 80 e 3,16 na de 90. Boa parte dessa queda tem como causa os altos índices de esterilização (cf. Washington Novaes no texto *Muita gente ou pouca gente?* (O Estado de São Paulo, 19 de agosto de 2006, A2).

Na área educacional, o analfabetismo na China caiu de 25% para 8,7% de 1986 a 2005, desde quando aprovou o ensino compulsório e obrigatório de 9 séries para todas as crianças entre 6 e 14 anos de idade. Este índice é menor que os 11,8% do Brasil. A Índia ainda hoje tem 39% de analfabetos. A China, com uma população 30% maior que a indiana, forma por ano 3,1 milhões de universitários e, na Índia, 2,7 milhões. No ensino superior a percentagem de alunos de 18 a 24 anos matriculados é de 8% na Índia, 9% na China e 12 no Brasil.

Uma curiosidade de turista: não se ouve chinês falar mal de seu governo, pelo menos com estrangeiros turistas. Existe um silêncio absoluto em relação a isso. O guia turístico em plena para da Paz Celestial apontando para o enorme imagem de Mao Tse Tung, nos diz enfaticamente: *"Ele modernizou a China e Ten Xio Ping nos deu uma China feliz"*... Perguntado sobre o episódio da revolta dos jovens na Praça diz *"oficialmente nada sabemos"*. Medo de conseqüências em função de rigorosa vigilância estatal? Fala-

se que a preocupação das autoridades é de manter a ordem, a estabilidade e o monopólio do Partido, desde quando Chairman Mao estabeleceu a República Popular da China em 1949. Hoje, recebe, em seu mausoléu, a visita de inúmeros turistas, que depositam flores em sua homenagem...

### Alguns comentários sobre o Congresso Mundial de Bioética

Mais do que emitir um juízo de valor, que facilmente incorreria em erro, passamos a descrever um pouco a metodologia, conteúdo e discussões bioéticas ocorridas no Congresso de Pequim, conscientes de que é descrição fragmentária, que tenta prospectar tendências temáticas no âmbito da bioética. Que sirva apenas, para dar uma idéia do que foi o congresso para o leitor que não participou.

É bom sempre ter presente que todo evento dessa natureza se constitui numa grande feira de idéias em ebulição, uma super dose concentrada de questões de bioética, sendo que carrega no bojo peculiaridades e originalidade, forjadas a partir dos valores da realidade sócio-política-cultural de onde se realiza. Pelo fato de ter que se concentrar muito conteúdo em pouco tempo, ocorrem, conseqüentemente muitas sessões e simpósios especiais simultâneos ou paralelos, o que obriga o congressista a ter de escolher, o que mais lhe interessa, pois é impossível acompanhar tudo. O tema central, no caso: *"uma sociedade mais justa e saudável"*, funciona como fio condutor das discussões e debates, nos plenários maiores. Podemos destacar vários blocos de assuntos discutidos:

1) Um grande bloco relacionado com *questões de saúde humana*, debatendo a reforma do sistema de saúde chinês e, experiências e lições em problemas emergentes de

saúde pública, a partir da SARS, abordados por pesquisadores da Universidade de Harvard, EUA, gripe aviária e tuberculose, em escala mundial. Atenção também destinada à problemática do controle de doenças contagiosas, ao HIV/AIDS e ao fornecimento de drogas anti-retrovirais, além do fator meio-ambiente relacionado com saúde humana e a problemática populacional, desafios candentes para China e Índia. Nutrimos em relação ao contexto desse evento, a expectativa de que a Declaração Universal de Bioética de Direitos Humanos, aprovada pela Unesco, em outubro de 2005, fosse amplamente debatida, ao mesmo tempo que se estudassem formas de implementá-la no conjunto das nações. Infelizmente mereceu somente espaço em um simpósio satélite de duas horas, com significativa presença de participantes do mundo em desenvolvimento, mas poucos representantes dos países industrializados.

2) Um outro bloco de questões, o maior por sinal, diz respeito à *ética da pesquisa em seres humanos*, de Nuremberg (1947) a Helsinki (2000). Discutiui-se questões relacionadas ao duplo *Standard*, o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos da pesquisa, situação dos países em desenvolvimento versus investimentos das multinacionais do medicamento e diretrizes éticas do CIOMS, entre outras questões. Uma abordagem especial mereceu a ética na pesquisa com células-tronco, pesquisa com embriões, sem esquecer uma apresentação sobre o escândalo na Coreia relacionado à pesquisa com células-tronco (fraude), que teve como protagonista Hwang Woo-Suk.

Se no mundo ocidental é de conhecimento de todos nós as atrocidades cometidas pelos médicos nazistas, que culminou no Tribunal de Nuremberg, no Oriente, antes e durante a II Guerra Mundial, temos uma situação semelhante, senão pior,

com o exército japonês estabelecendo programas de guerra biológica na China ocupada, nas chamadas "fábricas de morte", tal como a Unidade 731, na cidade de Harbin, onde centenas de pessoas encontraram a morte.

3) Questões específicas de uma *bioética de cunho asiático*. Na saudação inicial na sessão de abertura do congresso o Presidente Renj-Zong Qiu cita Confúcio: "*Não é uma alegria receber amigos que chegam de tão longe*". Essas questões foram trabalhadas em simpósios satélites, dos quais quatro aprofundaram a relação da bioética com o confucionismo, corrente de pensamento e filosofia de vida (ou religião, discute-se segundo muitos estudiosos) fundada pelo mais célebre filósofo chinês, Confúcio (552-479 a.C.). Falou-se de uma "bioética confuciana". Entre os assuntos abordados recordamos: o "familismo" versus "individualismo"; o conceito de justiça e de cuidados de saúde, as pessoas com deficiência. Outro tópico importante foi a ética profissional da Medicina tradicional Chinesa, em que a confiança está no centro da relação médico-paciente. Ocorreram, também várias apresentações sobre a visão do budismo em relação a determinadas questões de bioética. Registre-se, também, um simpósio satélite que versou sobre "cultura, religião e bioética", coordenado por T. Engelhardt, com discussões sobre valores do daoísmo e direitos humanos, Confúcio e a bioética em diálogo com o judaísmo, e cristianismo ocidental.

A China é a mais antiga civilização do mundo e, além disso, jamais foi conquistada pelo monoteísmo. A fé dos chineses esteve contida durante milênios na filosofia laica e terrena do confucionismo (o qual concebe somente um "mandato celeste" como sinal de legitimidade do imperador), no budismo, importado da Índia, e no taoísmo,

duas "religiões, em que a idéia de divindade é imanente, se confunde com o todo e com o nada, passa a natureza e todos os seres. Na língua dos mandarins, existem muitos nomes para evocar a divindade, mas não existe um termo equivalente ao conceito do Deus Cristão. Este é o dilema que, em 1607, o Jesuíta Matteo Ricci, após haver descartado outros possíveis nomes, o Deus cristão se chamará, para os chineses, de Tian Zhu, o "Senhor do Céu". (Federico Rampini. *O jesuíta que inventou o nome de Deus em chinês*, Jornal Repubblica, 6 ago 2006). Não é objeto deste relato do congresso aprofundar a questão da religião na China, mas é interessante saber que a religião, com maior número de seguidores declarados, 150 milhões, é o budismo. Os tibetanos têm como líder budista, Dalai Lama, que vive na Índia (Lhasa) e está proibido de pisar na China há 47 anos. Para entender o fascinante, misterioso e complexo mundo das grandes religiões, especialmente das religiões chinesas, recomendamos a leitura de uma obra prima de Hans Kung (2004), traduzida para o português: *Religiões do mundo-em busca dos pontos comuns*. Para Kung, toda a tradição filosófica da China foi uma busca da unidade entre o céu e a terra. Também na China, a religião não morreu, e para a maioria dos chineses, o céu permanece ainda como um grande símbolo primordial.

4) Num quarto bloco temos as *questões clássicas de bioética clínica*, ligadas ao início de vida, entre outras, questões éticas na área da genética ligadas à pesquisa com células tronco e embriões. Em relação ao final de vida, realizou-se um interessante fórum Alemanha-China sobre questões éticas e legais de final de vida, por meio do qual tomamos conhecimento da existência de vários programas de Cuidados Paliativos na China. Além disso, es-

tiveram em debate neste congresso, questões como, a ética dos transplantes, conceito de morte, dentre outras, aspectos esses sempre presentes nos congressos internacionais, e que em cada diferente cultura têm uma problematização, visão e solução diferentes. No ocidente se fala muito, e temos até documentos que comprovam, de que na China, são extraídos órgãos de prisioneiros executados (em torno de 18 a 20 mil por ano) e, que existe um "comércio negro" de compra e venda de órgãos que beneficia elites de países vizinhos, fato não mencionado neste congresso.

Registramos a presença de uma dezena de brasileiros, dos quais (três) são membros do quadro de diretores da Associação Internacional de Bioética, os quais tiveram papel ativo nas discussões, bem como na coordenação de sessões de trabalho. O tema da ética da pesquisa em seres humanos, especificamente a experiência brasileira de dez anos, foi o tema recorrente em várias sessões e pôsteres, passível de conferência nos anais do congresso. Destacamos como inusitada a realização de encontros a partir das perspectivas regionais de bioética, de tal modo que tivemos apresentações de perspectivas asiáticas, vozes do islamismo do mediterrâneo oriental e perspectivas ibero-americanas.

Para concluir, este breve relato de congressista, pensamos que alguns valores da cultura asiática são importantes também para nós no ocidente, neste encontro e diálogo trans-cultural, que atribui cor e identidade variadas, ao que hoje conhecemos por bioética.

Sem simplificações, mas tão somente instigações: *A comunidade vem antes do indivíduo, no entanto, a comunidade respeita e apóia o indivíduo. O valor central é a verdadeira humanidade. A família é a pedra fundamental da sociedade. Os problemas devem ser*

resolvidos por consenso, e não por confrontação. Busca-se uma harmonia holística do ser humano com a natureza e com seus ciclos naturais. Existe um conceito importante da cultura chinesa tradicional, que nos ajuda a pensar a realidade atual dos pluralismos e, no lidar com a busca de uma bioética global, bem como a necessidade de adaptação frente às diferentes circunstâncias culturais.

Trata-se do conceito de *unidade* que, não é uniformidade e que deve ser entendido como "coordenação do pluralismo, ou harmonia do pluralismo".

"O homem virtuoso, cultiva a unidade e não a uniformidade, enquanto que o homem viciado, a uniformidade e não a unidade", diz Confúcio, o mais influente filósofo chinês. Pessoas de caráter nobre assumem a

"unidade, mas não a uniformidade, como modo de vida. A unidade é considerada como sendo a "suprema moralidade".

Paramos por aqui. Nosso próximo capítulo e ponto de encontro desta jornada será na Croácia, em 2008, quando conversaremos a respeito do desafio de uma bioética trans-cultural, neste início de milênio.

## REFERÊNCIAS

- China, Índia e Brasil. Folha de São Paulo 2006; jul 30 [cad.especial]: 12.
- Jing Bao, N. Behind the silence: chinese voices on abortion. New York: Rowman and Littlefield; 2005.
- Kung H. Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns. Campinas: Verus; 2004.
- Novaes W. Muita gente ou pouca gente? O Estado de São Paulo 2006; ago. 19: A2.
- Qiu R. Future of asian bioethics. In: Macer DRJ, editors. Challenges of bioethics from Asia. Tokyo: Eubis Ethics Institute; 2004. p. 486-487.
- Rampini F. O jesuíta que inventou o nome de Deus em chinês. Jornal Repubblica 2006; ago. 6.
- Sakamoto H. Globalisation of bioethics: from an asian perspective. In: Macer DRJ, editors. Challenges of bioethics from Asia. Tokyo: Eubis Ethics Institute; 2004. p. 488-494.
- Zhu C. Unity but not uniformity. Globality and locality of bioethics. [Presented at 8<sup>th</sup>. World Congress of Bioethics; 2006 Aug 6-9; Beijing, China]